Jornal UNITAU

um olhar para a comunidade

APOIO BOM DIA

informativo mensal da Pró-reitoria de Extensão da Universidade de Taubaté

ano 2 | nº 5 | setembro - 2012

Cidadania

Civismo: demonstração de amor à Pátria

04 e 05

Desde 22 de setembro de 2009, por lei, as escolas são obrigadas a realizar um momento cívico, com a execução do Hino Nacional no mínimo uma vez por semana.

Foto: Yasmim Mattos

Universidade

Taubaté é destaque em congresso de Extensão

Dois trabalhos, frutos de projetos de extensão desenvolvidos por professores e alunos da Universidade de Taubaté, foram premiados durante o II Congresso Paulista de Extensão Universitária (COPEX), que aconteceu nos dias 9, 10 e 11 de agosto, em São Paulo. Os trabalhos premiados foram: "Ciranda do mel: o desenvolvimento socioambiental da apicultura familiar no Vale do Paraíba-SP", apresentado na área temática de Tecnologia e produção e "Comunicação Extensionista UNITAU: compartilhando saberes", na área de Comunicação. Também apresentaram trabalhos durante o II COPEX os Projetos Extensionistas "Assessoria à Implementação do Sistema Único de Assistência Social no Vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira", "Uma rota redescoberta: a trilha entre as vilas de Paraty e Taubaté", "Saúde na Educação", "Serviço de Apoio Pedagógico a alunos dos anos iniciais do ensino fundamental – SAP", Palinoteca de Referência da UNITAU", "Projeto Travessia", Programa de Atenção Integral ao Envelhecimento- PAIE", "Natureza e criança: aprendendo com animais e plantas", "Observatório socioambiental", "Prevenindo parasitoses em harmonia com a natureza", Árvores centenárias de Taubaté: história e memória local", "CEA – Centro de Estudos Apícolas – Apicultura sustentável", "Comunicação Extensionista", "Educação em Saúde Bucal" e "Escritório de Aplicação em Serviço Social".

06 e 07

Educação

Projeto Travessia: da leitura e construção de histórias à cultura e cidadania

03

Mão na massa

Toda doçura do mel

imagem: sxc.hu

05

O VALE PELA PAZ

NÓS APOIAMOS! Acesse e assine a petição.
http://www.peticoesonline.com/peticao/o-vale-pela-paz/525

editorial

EDUCAÇÃO, SUSTENTABILIDADE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A educação, em todos os seus níveis, continua sendo ação fundamental para o exercício consciente da cidadania e da necessária sustentabilidade. No entanto, o cotidiano escolar necessita revisar as atuais práticas de aplicação de novas perspectivas de aprendizagem, vinculadas às experiências colaborativas, porque essas ações possibilitam a educadores e educandos dirigirem ações para a resolução de problemas diversos, tanto os locais, como os regionais e globais. Assim sendo, o processo educativo requer constantes investimentos, principalmente quanto à formação de professores, pois o ensino e a aprendizagem resultam em influências, as quais desejamos sejam benéficas à coletividade.

A consciência dessa obrigação não é novidade entre educadores e pesquisadores educacionais, todavia, falta ainda aplicá-la, o que exige mais recursos humanos e materiais. Nos diversos ambientes escolares, diferentes práticas formativas já provocam significativas reflexões, tanto naqueles que ensinam quanto naqueles que aprendem, mas é preciso criar mais e melhores condições para a formação consciente desses alunos, quanto à necessária sustentabilidade, por exemplo.

A formação de professores frente à necessidade de preparar os alunos para uma sociedade global exige atenção especial por parte das autoridades competentes, porque práticas investigativas requerem dos orientadores saberes diversos. No específico à sustentabilidade, a prática e o resultado dessa prática indicam para além dos contextos apenas privado e local, é contribuição para a melhoria global.

Nesse contexto, frente à diversidade de culturas e valores, é preciso mudar paradigmas, a partir da pesquisa e da prática nas diferentes áreas de ensino. Também, transformar/formar professores com uma perspectiva ainda mais investigativa em suas práticas e, consequentemente, desenvolver reflexões sobre essas práticas e comunicar resultados. Assim sendo, a educação para a sustentabilidade, que está vinculada às mudanças sociais, exige qualidade de seus realizadores. Por sua vez, a educação de qualidade requer profissionais preparados para as inovações.

Prof. Dr. José Rui Camargo
Reitor

artigo

Saber popular comprovado

Prof. Dr. Marcos Roberto Furlan*

Nas três últimas décadas, observamos um considerável aumento na procura por produtos naturais, tanto para a cura quanto para a prevenção de doenças. Alguns dos motivos dessa tendência foram, por exemplo, o encarecimento dos medicamentos sintéticos, também denominados de alopáticos, o aumento da resistência dos patógenos às substâncias químicas, e, principalmente, a comprovação da eficácia terapêutica de muitas das espécies vegetais.

Destaca-se que a principal responsável pelo sucesso atual das plantas medicinais é a própria população, pois é a fonte de informações sobre para que servem e como devem ser usadas essas plantas. Portanto, é um casamento perfeito, pois a população fornece o seu saber, a ciência(s) testa e, depois, devolve os resultados para que a aplicação do conhecimento tenha mais segurança e também para que a informação seja divulgada em outras comunidades.

Algumas espécies acabam tendo seu princípio ativo isolado, copiado ou transformado, o qual será produzido em laboratórios, como ocorreu com o ácido acetilsalicílico, cuja origem foi a partir de uma substância extraída de plantas como o chorão (Salix alba), e que era usada popularmente, na antiguidade, contra febres.

No Brasil, muitas espécies nativas estão tendo sucesso nas pesquisas. Em uma pequena lista, que contém espécies das mais aclamadas pela ciência, com sua principal aplicação, encontram-se são: guaco (Mikania glomerata) como expectorante, espinheira-santa (Maytenus ilicifolia) para o tratamento de úlcera gástrica, pariparoba (Pothomorphe umbellata) como hepatoprotetora, erva-de-são-joão (Ageratum conyzoides) como antiinflamatória, barbatimão (Stryphnodendron adstringens) na cicatrização e unha-de-vaca (Bauhinia forficata) como coadjuvante no tratamento da diabete.

Importante realçar que, apesar do nome popular ser mais fácil de memorizar, para as pesquisas sobre o uso de plantas medicinais, a busca deve ser feita por meio do nome científico. O uso da denominação popular pode gerar confusões, pois muitas espécies recebem o nome de arnica, de aroeira ou de boldo, e entre as que recebem o mesmo nome pode haver diferenças quanto à ação medicinal.

A fitoterapia, que é o tratamento da saúde à base de plantas medicinais, tem recebido maior atenção dos órgãos oficiais. No Vale do Paraíba, um trabalho que vale a pena registrar sobre esse tema, é o realizado pelo Centro de Práticas Integrativas e Complementares (CEPIC) da Secretaria de Saúde e Promoção Social de Pindamonhangaba, pois é um projeto pioneiro na região. Nesse projeto, além de os profissionais da saúde estarem preparados para indicar plantas medicinais, todo mês ocorre discussão sobre uma planta medicinal com a comunidade. A Universidade de Taubaté vem colaborando desde o início do projeto.

Tendo em vista o sucesso da fitoterapia, o Ministério da Saúde fornece a Relação Nacional de Medicamentos. Nesse documento, constam os fitoterápicos (produtos à base de plantas medicinais) que poderão ser fornecidos gratuitamente nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs), mediante apresentação de receita médica.

Plantas que constam na Relação Nacional de Medicamentos

Nome popular	Nome científico	Indicação
Espinheira-santa	*Maytenus ilicifolia*	Dispepsias, coadjuvante no tratamento de gastrite e úlcera duodenal
Guaco	*Mikania glomerata*	Expectorante e broncodilatador
Alcachofra	*Cynara scolymus*	Colagogos e coleréticos em dispepsias associadas a disfunções hepatobiliares.
Aroeira	*Schinus terebenthifolius*	Produtos ginecológicos antiinfecciosos tópicos simples
Cáscara-sagrada	*Rhamnus purshiana*	Constipação ocasional
Garra-do-diabo	*Harpagophytum procumbens*	Antiinflamatório (oral) em dores lombares, osteoartrite
Isoflavona-de-soja	*Glycine max*	Climatério (Coadjuvante no alívio dos sintomas)
Unha-de-gato	*Uncaria tomentosa*	Antiinflamatório (oral e tópico) nos casos de artrite reumatóide, osteoartrite e como imunoestimulante
Hortelã	*Mentha x piperita*	Síndrome do cólon irritável
Babosa	*Aloe vera*	Queimaduras e psoríase
Salgueiro	*Salix alba*	Dor lombar
Tanchagem	*Plantago ovata*	Antiinflamatório e antisséptico da cavidade oral.

É vice-reitor da UNITAU e mantém o Blog *http://quintaisimortais.blogspot.com.br/

UNITAU
Universidade de Taubaté

EXPEDIENTE

ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR

Reitor
Prof. Dr. José Rui Camargo

Pró-Reitor de Extensão
Prof. Dr. José Felício Goussain Murade

Chefe de Departamento
Prof. Ms. Maurílio do Prado Láua

PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL

Coordenação:
Profa. Ms. Angela Loures (MTB-MS 17301/87V)

Projeto gráfico e Diagramação:
PREX | Núcleo de Design Gráfico - NDG
Profa. Renata Maria Monteiro Stochero
Alessandro Squarcini
João Victor Figueiredo Rangel
Marcelo Inomata

Bolsistas do Programa de Bolsas de Extenão - PIBEx:
Sarah Molica e Yasmim Mattos
Revisão: Profa. Dra. Eliana Brito

Colaboradores:
ACOM UNITAU
Núcleo de Fotografia Ismael Lopes

Tiragem: 10.000

E-mail para contato: jornalunitau@gmail.com

Conhecimento é o instrumento de inclusão utilizado pelo Projeto de Extensão "Travessia"

Um projeto de extensão que chegou até uma das comunidades mais carentes da cidade de São José dos Campos, esse é o "Projeto Travessia: da leitura e construção de histórias à cultura e cidadania", desenvolvido na Pró-reitoria de Extensão da UNITAU e coordenado pela Profª. Dra. Tereza Elizete Gonçalves do Departamento de Psicologia da Universidade. O projeto de extensão surgiu em 2008 quando foi realizada uma oficina de leitura com a parceria do projeto "Refazendo Laços (Programa Aquarela)", da FUNDHAS (Fundação Hélio Augusto de Souza) que tem como objetivo promover iniciativas de prevenção e proteção às crianças e adolescentes vítimas de violência. "Desenvolvemos durante o ano esse trabalho de leitura e de aproximação dos adolescentes aos livros", conta a professora Tereza Elizete.

A partir de 2009, além de continuar ajudando as crianças e adolescentes da FUNDHAS, o Projeto Travessia passou a realizar o trabalho também na Comunidade Beira-Rio, uma comunidade ribeirinha, fundada por pescadores, que não possui asfalto, saneamento básico, iluminação pública, creche e escola. "É um outro tipo de violência que eles sofrem, a da exclusão, e nós trabalhamos com eles visando desenvolver perspectivas de cidadania, de inclusão", explica a professora. Na comunidade foi montada uma biblioteca comunitária, que os próprios moradores ajudaram a construir, e atualmente conta com um acervo de cerca de mil títulos de literatura infanto-juvenil. "Nós estamos há quatro anos nessa batalha de fazer com que o livro se torne uma ferramenta interessante, uma ferramenta de acesso".

"Nosso polo de ação é a partir da biblioteca", explica a professora, que completa: " nós entendemos a leitura em um contexto bem amplo, não é só quando ele está diante do livro que ele está lendo livros: assistir a um filme e comentar, desenhar, assistir a uma peça de teatro também é ler uma realidade".

O projeto conta com o auxílio de dois alunos bolsistas e um aluno voluntário, além de dois ex-alunos voluntários. Eles visitam a comunidade ribeirinha duas vezes por semana, e também o FUNDHAS duas vezes por semana. As crianças e adolescentes da comunidade são levados pelos participantes do projeto para assistirem a peças teatrais e apresentações culturais gratuitas que são realizadas no SESC e no SESI, além de irem à Bienal do Livro de São José dos Campos. "Já assistimos a várias peças, inclusive clássicos de Shakespeare, e espetáculos como Os Saltimbancos e Alice no país das maravilhas", conta.

A escola mais próxima fica localizada a 5 km da comunidade Beira-Rio, e é uma escola estadual frequentada por todas as crianças. Para chegar à área asfaltada onde passa o ônibus que as leva para a escola, as crianças têm que atravessar uma área de terra e sem iluminação. É muito perigoso atravessar o local durante a noite, pois é próximo à mata, e os adolescentes então acabam abandonando os estudos e não concluem o ensino médio. As famílias começam a ser formadas cedo, e a situação dessas pessoas acaba sendo de pouca ascensão social. "A questão do abandono escolar por falta de condições é um problema, a falta de educação e de cultura formal é outro problema e a falta de vias de sustento para os trabalhadores também", compartilha.

"Nós damos a essas pessoas o reconhecimento de que são importantes. Muitos deles não acham que possuem o mesmo direito que o resto das pessoas, e nós mostramos que eles são iguais e têm os mesmos direitos. Para mim, a leitura é um direito, e a criança que diz que não gosta de ler, na verdade, foi tolhida desse direito", finaliza a professora Tereza Elizete Gonçalves.

Foto: Giullia Suelen Ferreira Barbosa

COOPERATIVA

"Nisso começamos a perceber a situação das mães naquela comunidade, e a grande dificuldade que elas tinham de lidar com a própria realidade. O que acontece é que os homens são pescadores, mas muito deles hoje não conseguem viver da pesca por causa da degradação do rio. Então começamos a pensar em um trabalho para que essas mulheres pudessem realizar", relembra a professora. Foi assim que o óleo de cozinha, muito utilizado pelas mulheres ribeirinhas para fritar peixe, era jogado em valas que chegavam ao rio, e os participantes do projeto Travessia tiveram então a ideia de dar um fim mais sustentável a esse óleo. Começou assim uma cooperativa, na qual muitas das mulheres da comunidade Beira-rio passaram a fabricar sabão doméstico utilizando o óleo que antes era desperdiçado, gerando renda para essas mulheres e suas famílias. "Iniciamos esse trabalho no dia 1º de maio de 2011, e hoje a oficina tem autonomia. O ponto de venda é a igreja próxima à comunidade. Elas foram inventando vários tipos diferentes de sabão; criaram, inclusive, um tipo que leva em sua composição um mato existente no local, que anteriormente já era utilizado pelas mulheres para limpar e clarear suas roupas, como um alvejante natural. "No momento estamos tentando arrecadar verba para patentear essa fórmula", conta Profª. Tereza.

Um projeto que começou na esfera cultural, mas que acabou derivando um trabalho de cooperativa. São duas perspectivas diferentes, mas que transferem conhecimento entre elas. "No primeiro semestre desse ano, aconteceu um evento em São José dos Campos que escolheria dez mulheres que mais se destacaram no ano de 2011 em ações na cidade, e nós indicamos a líder da comunidade, Dona Antônia Ramos, que acabou sendo homenageada, recebeu um título público e foi aplaudida pelas autoridades do município, dando uma visibilidade positiva para a comunidade", lembra a professora Tereza Elizete. "Não se pode extirpar a cultura deles, a cultura piraquara, e colocá-los em um bolsão de miséria. Nas escolas as crianças são vistas como atrasadas, pé sujos, pois onde moram não tem calçamento nenhum. Neste momento a gente fica pensando: por que será que a escola não valoriza o conhecimento deles? Isso não é certo".

Pátria amada, Brasil!

O hino nacional brasileiro representa a nossa pátria, com palavras que a valorizam e contam sua história, é uma poesia que demonstra patriotismo.

Por Yasmim Mattos

O Hino Nacional é um dos maiores símbolos do país, juntamente com a Bandeira Nacional, o Selo Nacional e as Armas Nacionais, como estabelece o art. 13, § 1.º, da Constituição do Brasil. O costume de se cantar o hino nacional nas escolas vem de muitos anos atrás, mais especificamente do ano de 1936, durante o governo do populista Getúlio Vargas, que tornou obrigatória sua execução. O objetivo era fazer com que os estudantes aprendessem a cantar o hino de seu país e que demonstrassem amor à sua pátria.

Setenta e seis anos se passaram e muito aconteceu no Brasil durante esse tempo. Passaram pela presidência Juscelino Kubitschek e seu programa de governo conhecido como "50 anos em cinco"", Jânio Quadros (cujo governo, contraditório, terminou com sua renúncia) e João Goulart, que antecedeu a instalação do Regime Militar no Brasil, em 1964. Foi nessa época, num Brasil comandado por militares, que o Hino Nacional, assim como os outros símbolos nacionais, passaram a ser mais valorizados.

Fotos: Yasmim Mattos

De acordo com o Capítulo V da Lei 5.700 (01/09/1971), que trata dos símbolos nacionais, durante a execução do Hino Nacional, todos devem tomar atitude de respeito, de pé e em silêncio. Civis do sexo masculino com a cabeça descoberta e os militares em continência, segundo os regulamentos das respectivas corporações. "Na ditadura houve uma mudança de pensamento dos brasileiros. Do ponto de vista das forças armadas, o brasileiro deveria ser mais brasileiro. Antes da ditadura, o brasileiro não tinha orgulho de o ser. O exército foi quem impôs essa mudança", opina o ex-sargento da polícia militar João Alves, que estava na ativa durante este período.

Foi durante a ditadura que surgiu na grade curricular das escolas a disciplina "Educação Moral e Cívica", imposta pela Lei 869 de 12 de setembro de 1969, em caráter obrigatório. Tal disciplina tinha como finalidade fazer com que os estudantes brasileiros aprendessem os principais hinos do país, além de fortalecer a unidade nacional, o sentimento de amor e valorização da pátria e preparar o cidadão para o exercício das atividades cívicas com fundamento na moral. Nas escolas os hinos eram tocados toda semana, em cerimônias de hasteamento e arreamento da bandeira. "Nós víamos em que dia da semana ia cair o Dia da Bandeira e toda semana, nesse dia, havia o hasteamento da bandeira às oito horas da manhã e, às cinco horas da tarde, o arreamento, quando também cantávamos o Hino Nacional", lembra a professora aposentada Julia Cleonice Vieira Cardoso, acrescentando que os alunos gostavam de cantar o hino e demonstrar seu amor à pátria. "A data mais comemorada era 7 de setembro, quando acontecia a semana da pátria. Todos participavam. As escolas desfilavam, havia uma competição entre as escolas para ver quem tinha o desfile mais bonito, e todos os alunos queriam participar; só não iam em caso de doença, coisa que hoje não existe mais. Meu netinho de oito anos não sabe nem cantar o hino direito".

Com o fim da ditadura militar, no início da década de 80, gradativamente também foi se acabando o costume de cantar o hino com respeito e de demonstrar o amor à pátria. Mas como explicar tal mudança?

"Quando qualquer ser humano vive preso, vigiado e vê a chance de se libertar, ele deixa para trás tudo o que lembra essa vigilância. Foi o que aconteceu na época da ditadura. Tudo, mesmo o que era benéfico, como o fato de cantar o hino e respeitá-lo, foi perdido. Não se canta mais o hino da forma respeitadora que era imposta pela ditadura", diz o professor e mestre de filosofia da UNITAU, César Augusto Eugênio. Desde 22 de setembro de 2009, por lei, as escolas são obrigadas a reali-

zar um momento cívico, com a execução do Hino Nacional no mínimo uma vez por semana. Hoje em dia, o Hino Nacional, que todos deveriam saber o significado, é apenas decorado pelos alunos. “O civismo hoje é vazio de sentido, porque tirou o que lembra a ditadura militar, mas não colocou nada no lugar. Vivemos uma negação do regime militar, mas ainda não se construiu um sentido de civismo na liberdade”, analisa o Prof. Ms. César Eugênio.

Mas ainda há os que não perderam a vontade de ensinar o Hino Nacional às crianças. É o que acontece na Escola Municipal EMIEF Vereador Mário Monteiro, localizada no bairro da Gurilândia, em Taubaté. Na escola, os hinos nacional e municipal são cantados toda sexta-feira, às sete horas e a uma da tarde. “As letras dos hinos são trabalhadas na sala de aula, porque sabemos de sua complexidade. Os alunos têm a letra dos hinos na agenda, no início eles acompanham por lá, mas os maiores já sabem o hino de cabeça” conta Waldir César de Almeida Junior, diretor da escola. Além de cantarem o hino toda semana, nas datas comemorativas como Proclamação da República e Dia da Bandeira, os alunos cantam os hinos correspondentes, além de fazerem trabalhos sobre a data. “As crianças gostam de participar. Há anos fazemos isso, os menores sempre querem hastear a bandeira”, comenta Waldir.

A Escola Vereador Mário Monteiro também realiza um projeto desde 2010 com os alunos do 5º ano e do período integral, chamado “Brasil, o nosso sonho intenso!”, no qual trabalham com interpretação de cada verso do Hino Nacional, para que eles possam entender o que se canta, e possam se interessar pelo hino nacional e seu significado. Com a premissa de que “se a criança não estiver em contato com o hino do próprio país, não há como ela entender, gostar ou aprender o hino. Tudo o que a criança passa a entender, ela passa a gostar”.

“Nós víamos em que dia da semana ia cair o Dia da Bandeira e toda semana, nesse dia, havia o hasteamento da bandeira às oito horas da manhã e, às cinco horas da tarde, o arreamento, quando também cantávamos o Hino Nacional”

Professora Julia Cleonice

mão na massa

Doce como o mel

Por Yasmim Mattos

O mel possui várias características benéficas ao homem. Além de ser menos calórico e mais saudável que o açúcar, ajuda a curar a dor de garganta, melhora a digestão e é um grande aliado no combate à gripe. A receita é simples: ferva um limão, dividido em partes, juntamente com um copo de água e dois dentes de alho descascados, adicione algumas raspas de gengibre, cravos da índia e um pauzinho de canela, para adoçar use mel a gosto. O mel é também um agente que protege o organismo contra a doença coronária, aponta estudo recente. O mel tem poderes revitalizadores de artérias e veias, além de poder antioxidante, que possibilita a redução dos níveis de colesterol sanguíneo. As contra-indicações do alimento são apenas para diabéticos, devido à alta taxa de açúcar, e para crianças com menos de 2 anos, pois segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), há o risco de essas crianças adquirirem botulismo por conta de uma bactéria encontrada comumente no mel.

Mas cuidado, nem todo mel é puro

Ele está entre os sete alimentos que estão mais suscetíveis a terem seus elementos adulterados, ou seja, misturados com outros ingredientes ou ter seus nutrientes retirados total ou parcialmente. Com essas adulterações, o mel perde suas propriedades. “A falsificação mais comum é por amido, quando misturam amido, açúcar e aroma de mel”, explica a Profª. Dra. Lídia Maria Ruv Carelli Barreto, do Centro de Estudos Apícolas da Universidade de Taubaté (CEA).

O CEA, que existe há 24 anos, fica no Departamento de Ciências Agrárias e tem como linha prioritária de pesquisa o controle de qualidade dos produtos apícolas. “No Centro Apícola nós fazemos análise laboratorial para reconhecer um mel verdadeiro e de boa qualidade”, explica professora Lídia. O controle é feito para assegurar ao consumidor um produto livre dos inúmeros processos de adulteração e, em consequência, viabilizar ao apicultor da região a comercialização total de seus produtos.

Para o consumidor verificar se o mel é verdadeiro ou não, a primeira dica é observar se no rótulo encontra-se o selo de qualidade do Serviço de Inspeção Federal – SIF, Estadual – SISP ou municipal – SIM. “Se o consumidor duvidar da procedência do mel, ele deve levar o produto para o laboratório, mas ele também pode fazer um teste simples: basta ir a uma farmácia, comprar iodo a 2%, colocar 1 colher do mel em meio copo d’água e pingar 3 gotas do iodo. Se o mel mudar de cor para azul ou roxo é porque é falso ou adulterado”, diz a Profª Lídia, que aconselha ao consumidor não comprar mel sem rótulo ou em garrafas vendidas em beira de estrada, dando preferência às boas casas do ramo.

A importância dos subprodutos do mel

O mel não é o único produto benéfico para a nossa saúde que as abelhas nos presentearam: existem outros que podem ser extraídos das colmeias e flores, como a geleia real, a própolis e o pólen, que são subprodutos do mel. A geleia real leva esse nome pois é produzida pelas abelhas para alimentação da rainha. Segundo pesquisas realizadas pela Associação Paulista de Apicultores - APACAME, a nutrição com geleia real elimina o cansaço, normaliza o apetite, ativa as funções cerebrais e regulariza o aparelho digestivo, além de rejuvenescer a pele, o que faz a geleia real ser utilizada na composição de vários cosméticos. Já a própolis é utilizada para fins medicinais, como tratamento de doenças respiratórias, aftas e gengivites e para fortificar o organismo. Também pode ser usada como cicatrizante em feridas e cortes. O pólen, por sua vez, é utilizado como suplemento alimentar, pois é rico em minerais como potássio, ferro e cálcio.

imagem: sxc.hu

Extensão universitária que faz a diferença

Por Sarah Molica

Foto:Sarah Molica

"Quando você trabalha movido pelo coração, as coisas são diferentes, dão mais certo", diz Marcelo Inomata, aluno do 4º ano de Publicidade e Propaganda da UNITAU, que participou do Projeto Rondon, explicando como é trabalhar em ações de extensão universitária. A prática extensionista tem como principal objetivo a interação da universidade com a comunidade, uma vez que a primeira cria iniciativas e projetos que suprem as necessidades da segunda. Necessidades como o atendimento àqueles que não têm acesso ao setor de saúde; conscientização sobre temas importantes como doenças e valores sociais; e até mesmo cursos voltados para a parcela da população que quer ter um conhecimento extra, como informática ou inglês, porém não tem essa oportunidade devido ao preço das mensalidades, não acessível ao seu bolso.

Tendo em mente que a função da Universidade é muito maior do que apenas formar alunos, a extensão universitária proporciona benefícios para a sociedade, com oportunidades criadas, focadas na comunidade e suas necessidades, visando a seu fácil acesso. Já para os alunos, existe o contato com as pessoas, com as quais eles aprendem a se comportar em meio à sociedade e a lidar com o outro, importante ferramenta usada pelo profissional no mercado de trabalho.

Nathália Fernandes Diniz, aluna do segundo ano de Biologia da Unitau, estreou sua inserção na extensão universitária de forma memorável. Participou do II Congresso Paulista de Extensão – COPEX, representando o projeto do qual participa, como bolsista. "Foi muito interessante participar do evento, porque foi a primeira vez que eu fui e me envolvi num congresso e foi uma ótima experiência, porque eu, geralmente, não gosto muito de falar, mas lá eu apresentei o projeto das "Árvores Centenárias" e consegui desenvolver bem", conta Nathália. A aluna de Enfermagem da UNITAU, Kamila Moraes de Jesus, também participou do evento, apresentando, com pôster, o projeto de extensão pelo qual é bolsista, o "Saúde na Educação", e compartilha sua opinião: "É importante vir ao evento, porque a gente conhece pessoas de universidades diferentes e outras áreas, existe uma troca de conhecimento e surgem ideias para trabalhos futuros".

O COPEX surgiu como uma iniciativa da parceria de Universidades públicas do Estado de São Paulo, com o objetivo de disseminar conhecimento acadêmico e ações extensionistas, visando aperfeiçoá-las cada vez mais, e deve acontecer todo ano, revezando a universidade sede entre municipal, estadual e federal. As Universidades participantes são: UNIFESP, Unitau, UFSCar, UNESP, UNICAMP, UFABC, USP e USCS. "É importante nós participarmos, porque precisamos reafirmar a função pública da UNITAU", explica o Pró-Reitor da UNITAU, Dr. José Felício Goussain Murade. "Essa troca de ideias e a interatividade é ótima, porque nosso aluno vem ao evento e vê que a extensão que nós fazemos na nossa universidade não deixa nada a desejar para a extensão que é feita na USP, UNICAMP, ou uma federal", completa.

O II COPEX contou com 900 inscritos, entre universitários e professores, a maioria participante de projetos de extensão em suas insti-

"Nossa participação neste COPEX foi importante porque a partir dela podemos reafirmar a função pública da UNITAU."

Pró-Reitor da UNITAU, Dr. José Felício Goussain Murade

Fotos:Sarah Molica

tuições de ensino, o que promoveu a troca de experiências sobre as diversas atividades de ensino e pesquisa associadas às ações de extensão. "Quando eu vi que foram mais de 400 trabalhos inscritos neste congresso, fiquei muito feliz, porque assim eu sei que esses trabalhos não ficaram só na gaveta, que estão dando um retorno à sociedade e gerando uma transformação dessa sociedade, o que é a meta da extensão", afirmou a Profa. Dra. Conceição Vieira da Silva Ohara, Pró-reitora de Extensão da UNIFESP , que presidiu o evento. As atividades do evento foram organizadas na forma de conferências, mesas redondas, exposição de trabalhos em forma de pôster e apresentação oral.

Dentre as mesas de debate, uma delas com o tema "A extensão universitária no Estado de São Paulo", contou com a presença dos Pró-reitores das universidades públicas: UNICAMP, Prof. Dr. João Frederico da Costa Azevedo Meyer; UNIFESP, Profa. Dra. Conceição Vieira da Silva Ohara; e a UNITAU, com o Prof. Dr. José Felício Goussain Murade. Na ocasião, cada Pró-reitor expôs como é entendida e aplicada a extensão universitária em sua universidade e debateu problemas e melhorias. "É a oportunidade de eu aprender com o meu aluno, meu aluno aprender comigo e nós aprendemos com a comunidade", argumentou o professor Felício Goussain, pró-reitor da UNITAU, durante sua apresentação, complementando o debate sobre a inserção da Extensão como requisito obrigatório na grade curricular universitária, com o mínimo de 10% da carga horária, estabelecido no Plano Nacional de Educação (PNE).

Apresentaram trabalhos durante o II COPEX os Projetos Extensionistas "Assessoria à Implementação do Sistema Único de Assistência Social no Vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira", "Uma rota redescoberta: a trilha entre as vilas de Paraty e Taubaté", "Saúde na Educação", "Serviço de Apoio Pedagógico a alunos dos anos iniciais do ensino fundamental – SAP", Palinoteca de Referência da UNITAU", "Projeto Travessia", Programa de Atenção Integral ao Envelhecimento- PAIE", "Natureza e criança: aprendendo com animais e plantas", "Observatório socioambiental", "Prevenindo parasitoses em harmonia com a natureza", Árvores centenárias de Taubaté: história e memória local", "CEA – Centro de Estudos Apícolas – Apicultura sustentável", "Comunicação Extensionista", "Educação em Saúde Bucal" e "Escritório de Aplicação em Serviço Social".

PREMIAÇÃO

Dois trabalhos, frutos de projetos de extensão desenvolvidos por professores e alunos da Universidade de Taubaté, foram premiados durante o II Congresso Paulista de Extensão Universitária (COPEX), que aconteceu nos dias 9, 10 e 11 de agosto, em São Paulo. Os trabalhos premiados foram: "Ciranda do mel: o desenvolvimento socioambiental da apicultura familiar no Vale do Paraíba-SP", coordenado pela Profª Drª Lidia Maria Ruv Carelli Barreto e apresentado na área temática de Tecnologia e produção pelo Prof. Dr. Carlos Nordi, e "Comunicação Extensionista UNITAU: compartilhando saberes", apresentado na área temática da Comunicação e coordenado pela Profa. Ms. Ângela Loures. O II COPEX premiou um total de oito artigos que serão publicados na Revista Ciência em Extensão (http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex).

O projeto extensionista de desenvolvimento da apicultura familiar teve início em 2007 no Município de Monteiro Lobato-SP e hoje é desenvolvido em mais dois municípios, Redenção da Serra e São Luiz do Paraitinga, contando com parcerias entre instituições públicas e privadas. O trabalho tem como objetivo proporcionar aos apicultores o acesso à assistência e acompanhamento, o que envolve conceitos técnicos de manejo, de empreendedorismo, de comercialização dos produtos e questões de relacionamento e convivência em grupo. A atuação de práticas extensionistas permitiu não só alcance dos objetivos propostos, bem como a melhoria na autoestima e o próprio empoderamento entre os atores.

Em busca de uma interação dialógica com seus diversos públicos, a extensão da Universidade de Taubaté já trilhou diversos caminhos e, nos últimos cinco anos, consolidou a visão de que a comunicação é elemento indispensável para que suas ações alcancem o sucesso almejado. Responsável por divulgar informações aprofundadas que precisem ser acessadas rapidamente e em ambientes múltiplos; registrar a atuação de programas, projetos, cursos e outras ações extensionistas empreendidas; estimular públicos de perfil heterogêneo a participarem da extensão universitária e mobilizar novas parcerias com a UNITAU, o Projeto "Comunicação extensionista" trabalha, hoje, em diversas frentes: faz assessoria de imprensa para a pró-reitoria de extensão em parceria com a Assessoria de Comunicação da UNITAU, mantém atualizado blog da PREX, publica mensalmente, em parceria com o Jornal BOM DIA-Taubaté, com tiragem de 10 mil exemplares, o "Jornal UNITAU"; apoia a produção semanal do "Boletim da Extensão", veiculado na rádio educativa da Universidade; e edita a Revista de Extensão da UNITAU, este ano em seu quinto número. Todas essas ações renderam para a extensão, a visibilidade pretendida junto à população de Taubaté e Vale do Paraíba Paulista e, ainda que esse feedback não seja medido quantitativamente, pode ser identificado qualitativamente nos atendimentos dos programas, projetos e cursos oferecidos.

Árvores centenárias: história que ensina a preservar

Por Sarah Molica

A partir de setembro começa a época em que as árvores florescem e um cenário colorido de diferentes flores surge pelos jardins. Está chegando a primavera e, com ela, o dia 21 de setembro, o Dia da Árvore.

Responsáveis por manter próximo a 50% da biodiversidade do ecossistema, as árvores nos trazem muitos benefícios, mas são esquecidas pelo homem, que as derrubam para construir prédios em seu lugar, deixando de lado sua importância histórica e biológica. Tendo em vista o cenário atual, em que as pessoas têm as árvores como segundo plano, a Pró-Reitoria de Extensão da UNITAU conta com a iniciativa de um projeto chamado "Árvores Centenárias", com o objetivo de conscientizar as crianças, e a população em geral, da importância das árvores. Ele é coordenado pelo professor Mauro Castilho, do Departamento de Pedagogia e responsável pelo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH), e tem a participação da professora Maria Cristina Prado Vasques, do Departamento de Biologia.

O projeto existe desde 2010 e durante os dois primeiros anos (2010 e 2011) foram realizados mapeamentos das árvores centenárias de Taubaté que se situam próximas de escolas municipais. Essas árvores tiveram preferência na escolha, uma vez que, após o mapeamento, além de uma pesquisa histórica, eram estudados (ou divulgados) conceitos de botânica e contexto histórico para os alunos dos 7º e 8º anos das escolas municipais em uma aula ao ar livre. "Eu acho que conhecendo a história dessas árvores, a gente descobre o seu valor e ajuda a preservá-las. As crianças não imaginam a história que rege a árvore, mas o projeto dá essa oportunidade", comenta a aluna de História e bolsista do projeto, Thais Dias Rosa. Dentre as histórias descobertas das árvores mapeadas destaca-se a da Figueira, que se localiza no bairro do Belém. Ela foi plantada pelos tropeiros que viajavam pela rota Taubaté - litoral norte paulista e era usada por eles como local para repouso. Ao longo dos anos, a árvore tornou-se símbolo da região do Belém, chegando até a ser tema de um conto, escrito por Antonio Donizetti Sgarbi. Além disso, foi protegida e defendida por moradores, que fizeram protesto quando a Prefeitura Municipal anunciou que a cortaria.

Já no ano de 2012, a equipe elabora uma cartilha que será distribuída para o 2º ciclo do ensino fundamental de escolas municipais. "O conteúdo da cartilha é educação ambiental e patrimonial, mas as duas áreas estão expostas juntas abordando a interdisciplinaridade", explica a professora Maria Cristina. "A cartilha vai abordar de uma dimensão maior para a menor e incentiva a proteção à natureza, além da discussão de problemas da região, bem como cidade, bairro e os arredores", completa o prof. Mauro Castilho.

Fernanda Bassanelli, formada em Pedagogia e voluntária do projeto, viu no projeto "uma oportunidade interessante, ainda mais com a cartilha sendo distribuída para a rede municipal, pois assim várias crianças terão acesso às informações e isso motiva. Além disso, leva-se em conta o ineditismo do assunto (Árvores Centenárias) que é pouco explorado nas escolas", conta Fernanda. O projeto alcançou maior visibilidade com sua participação no II COPEX (Congresso Paulista de Extensão), realizado no mês de agosto. Pretende, também, apresentar os resultados no SEMEX - Seminário e Mostra de Extensão Universitária da UNITAU, que será realizado durante o evento "Inclusão Verde - Ciência, tecnologia e inovação para o desenvolvimento sustentável", a se realizar de 16 a 20 de outubro.

Fotos: Nathalia Fernandes Diniz

Inclusão Verde
Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável
INSCREVA SEU TRABALHO ATÉ 15/09
UNITAUPGRAD.COM.BR
XVII ENIC ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XIII MPG MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO
VII SEMEX SEMINÁRIO DE EXTENSÃO
IV SEDUNI SEMINÁRIO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA
II SEA SEMINÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO
UNITAU Universidade de Taubaté